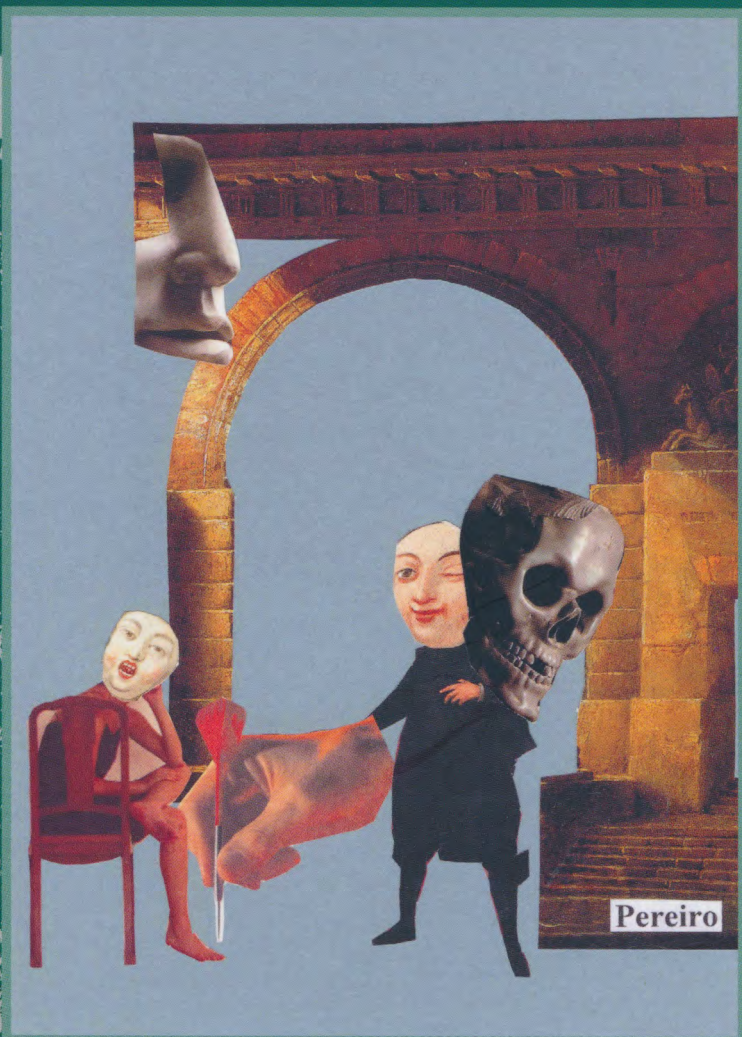


# *Coisas de mulheres!* (Teatro reunido)



Pereiro

TERESA RITA LOPES



BIBLIOTECA-  
ARQUIVO  
TEATRAL  
FRANCISCO  
PILLADO  
MAYOR

DEPARTAMENTO DE GALEGO-PORTUGUÉS,  
FRANCÉS E LINGÜÍSTICA

Deseño da Capa:  
MIGUEL ANXO VARELA

Ilustración da Capa:  
PEREIRO: "Do *spectare*" (2005).  
Colaxe sobre papel

Edita:  
BIBLIOTECA-ARQUIVO TEATRAL  
«FRANCISCO PILLADO MAYOR»

© Da presente edición:  
DEPARTAMENTO DE GALEGO-PORTUGUÉS,  
FRANCÉS E LINGÜÍSTICA

© TERESA RITA LOPES

I.S.B.N.  
84-9749-222-6

Depósito Legal:  
C-2590-06

Impresión:  
LUGAMI Artes Gráficas (Betanzos)

Maquetación:  
ANTONIO SOUTO

Distribución:  
CONSORCIO EDITORIAL GALEGO  
Estrada da Estación 70-A  
36818 A Portela  
Redondela (Pontevedra)  
Tel. 986 405 051. Fax 986 404 935



BIBLIOTECA-  
ARQUIVO  
TEATRAL  
FRANCISCO  
PILLADO  
MAYOR

DEPARTAMENTO DE GALEGO-PORTUGUÉS,  
FRANCÉS E LINGÜÍSTICA

Universidade da Coruña • Facultade de Filoloxía • Campus de Elviña • 15071 A Coruña

Consello Científico:

X. CARLOS CARRETE DÍAZ, PERFECTO CUADRADO,  
MANUEL FERREIRO, MANUEL LOURENZO PÉREZ,  
CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO, JOSÉ OLIVEIRA BARATA,  
FRANCISCO PILLADO MAYOR, FRANCISCO SALINAS PORTUGAL,  
ARNALDO SARAIVA, LUCIANA STEGAGNO PICCHIO,  
LAURA TATO FONTAÍNA

TERESA RITA LOPES

**COISAS DE MULHERES!**  
**(TEATRO REUNIDO)**

## AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

# AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

## 1

*ELA entra, desenha no chão, com um giz, os quadrados do jogo do "avião" (também chamado "a macaca"), salta-os, como no jogo da infância, e vai instalar-se no quadrado que liga as duas asas. É o seu espaço. Ocupa-se dele com algum esmero: limpa-o, pode também enfeitá-lo com flores e conchas e instalar um banco desmontável. Empunha um telemóvel: um búzio. Antes de começar a representar, vem à frente confidenciar ao público:*

Os deuses deram aos homens o amor para os distrair da sua condenação  
ao sofrimento e à morte

"Vão brincar"

mandaram eles

"e deixem-nos em paz!"

*Reinstala-se na situação anterior.*

A que tu sem cara digo tu desde sempre?

Que mim é este que para ti se debruça  
do parapeito das minhas sucessivas idades?

Que eu sem idade clamo por ti?

Que ti? Que tu?

Que música a dessa voz sem boca?

*ELA percorre todos os quadrados do "avião", para onde lança, primeiro, uma pedra, como no jogo da infância. Depois instala-se num deles – um quadrado diferente para cada cena. Senta-se no chão, as mãos apertando os joelhos.*

Hoje vim esperar por ti aqui à beira de um caminho  
 que vem não sei donde  
 e parte não sei em que direcção.

Marcámos encontro há anos. Quantos? Tanto faz.

Eras então grande, com uns enormes olhos...- claros...? Não, escuros! Sim, sim, escuros como uma noite estrelada...Eras alto, magro... Abarcavas-me toda quando me abraçavas. *Abraça-se a si própria.*

Lembras-te? Era doce passar a noite no côncavo dos teus braços, como no oco da árvore maior da floresta, a preferida dos duendes...Marcámos então encontro para....quantos? cinco, sete, dez anos depois...Aqui estou. Por favor, amor, não demores muito! Não venhas tarde demais!

*Vai percorrer de novo, com a pedrinha, todos os quadrados do avião.*

Um dia esperei por ti o dia todo. E a noite que se lhe seguiu. Foste-me mandando recados no vento, nas estrelas vagarosas...Que não tinhas podido ainda mas que havias de vir...E nunca vieste. Ou melhor: vieste em falso. Pensei que eras tu e enganei-me. Ou melhor : enganaste-me. Ou terá sido apenas engano meu...? Que difícil foi depois operar-me da tua sombra para sempre! Do manto que me tornava lasso o passo!

Tentei expulsar-te do aço dos espelhos mas a tua imagem estava sempre lá no fundo, não a conseguia enxotar...Foi-se apagando aos poucos, como um retrato antigo...Mas nunca completamente. Outros rostos se lhe sobrepuseram – olhos de outra cor, de outro contorno, cabelos lisos, ondulados...E sempre, em todos, me falhaste, me faltaste...

Achava que eras tu, lançava-me nos teus braços, de olhos fechados – e só quando os abria percebia o meu engano. E ficava, de repente, abandonada, no meio do largo sem árvores, a rilhar a minha solidão às secas...

Desta vez não me falhes – não me faltes! Nunca deixas os teus olhos cair nos braços dos meus. Tens medo de que se percam nesse abismo? Não seas medricas! Quando me aproximo muito de ti, baixas as persianas...E espreitas pelas frestas...Nunca me deixaste ver os teus olhos de corpo inteiro...abraçá-los, enlaçá-los...Isto é, só uma ou duas vezes...Mas só os meus ousaram o gesto, os teus deixaram-se abraçar, de mãos caídas...Até tuas pestanas te sonegam...Atrás delas te escondes...Mas os teus olhos, às vezes, saltam o muro de arbustos altos e vêm ter comigo, alta noite, às escondidas de ti...E, sentados nos degraus das escadas, longamente nos amamos, mãos nas mãos, eu e os teus olhos...Afinal é deles que gosto...De ti, não. Não mereces os teus olhos...

Tens medo de quê, amor? De cair no abismo da paixão? Também eu não gostava de tombar nesse alçapão...Não, não tenhas medo que eu não estou apaixonada por ti. A gente apaixona-se quando, de repente, lhe falta o chão debaixo dos pés.....E somos uma

trepadeira a enrolar-se no outro com pensamentos e palavras...Ou melhor, a agarrar-se à sombra do outro...Comigo é diferente. São estas conversas intermináveis contigo, na cama, ao espelho, no autocarro, no eléctrico...Mas apaixonada não estou. Ou, se calhar, estou, mas é só um bocadinho...Do tamanho desta unha, assim...Ou mesmo do tamanho de um dedo...Ou até, admito, um pouco maior, do tamanho de um punho fechado. Bem sei que um punho fechado é do tamanho de um coração...A verdade é que, pense o que pensar, o meu pensamento vai sempre dar a ti, como um burro velho que sabe o caminho de casa, mesmo quando o dono está bêbado...Mas apaixonada, não! não quero estar! Estar apaixonada é entrar na órbita do outro e não conseguir descarrilar, por mais que faça...Isso não quero! Estar apaixonada é andar à volta do outro como uma abelha tonta de néctar...Ou como um astro. Não, não quero ser a tua lua, o teu satélite! É verdade que às vezes me sinto assim, e até gosto...Mas não, apaixonada não quero estar! Quero gozar esta onda alta, que me eleva do chão, mas não quero perder o pé. Quero sentir-me nos braços desta maré viva mas não quero naufragar – nem sequer contigo, numa ilha deserta! Tenho a minha vida, as minhas obrigações...Estar apaixonada é estar “embarçada”, que em espanhol quer dizer grávida...Ah isso não quero! Não quero que este amor me atrapalhe os movimentos. Mas eu sei que não é paixão. Já estive apaixonada outras vezes e sei que foi diferente. Era mais...mais...monótono...Todos os pensamentos iam dar ao mesmo sítio, isto é, à mesma pessoa... Deitava-me a pensar nele e acordava com ele no pensamento...E levava o dia inteiro a conversar com ele, a contar-me...Quantas vezes me contei, de diante para trás e de trás para diante...Agora, não. Isto é...converso muito contigo, isso é verdade, e, às vezes, conto-te a minha vida toda...Mas acho que é porque assim me distraio a mim própria...Ou, se calhar, entendendo-me melhor...Só uma voz fêmea tem o dom de se contar, interminavelmente, como nas *Mil e uma noites*... À espera, sei lá de quê...A retardar, o quê? Sei lá...Este contar-se não é para dizer o que quer que seja nem para chegar a lado nenhum...É como o prazer fêmeo, não tem fim...O do homem tem pressa, vai direito ao assunto, quer chegar depressa, como ao volante do automóvel...É tiro e queda.O da mulher gosta de parar pelo caminho, meter-se por atalhos, perder-se e achar-se...O homem prefere as auto-estradas. Que bom falar, caminhar assim, à toa...Mas também gostava de parar uma noite inteira à beira do teu silêncio como de um lago...Ou de um rio. Não me digas que rressonas! Se calhar não me importava...Afinal só temos a nossa voz e a sua ausência...E a nossa voz fala, grita, chora, canta, rressona...Mas os silêncios também fazem parte dessa infinita renda de risos e palavras soltas que os amantes tecem a quatro mãos...Uma renda faz-se com buracos e cheios, sabias...? Eu que não sei fazer renda com linha, faço-a constantemente com os buracos e os cheios dos nossos silêncios e das nossas palavras...Quanto mais buracos mais cheia. O cio é para os animais : vivem para se reproduzir. Gosto tão mais deste cio que a minha fala tem da tua! Mas será que esta conversa interminável só é possível na ausência do outro? A verdade é que, quando o outro

está presente, a gente engasga-se, tropeça nas palavras, tapa-se com elas... Queria tanto, amor, que um dia destes as nossas palavras rompessem os seus casulos e cumprissem ritualmente o seu voo nupcial! Mas também gostava - ah sim! tanto! - que os nossos silêncios enrosassem as pernas e assim ficassem a dormir uma noite toda!

As coisas que eu digo...As coisas tontas que tu me fazes dizer... Mas não é paixão, isso não é! Não quero que seja, ouviste! Achas que é...? Achas? Já percebi: tu tens medo de te apaixonar por mim mas queres que eu esteja apaixonada por ti. Pois não te faço o gosto! És como o macho da louva-a-Deus que, durante a cópula se defende, se protege, cheio de medo de ser devorado, mas vai fornicando...Vi num filme. Só que eu não sou nenhuma louva-a-Deus! Não te quero devorar, descansa! Então porque te defendes de mim? Eu só queria estar em silêncio, ao teu lado...A ouvir o sangue marulhar nas tuas veias...Queria agarrar-te as mãos, isso sim...para que o teu sangue usasse também o meu corpo para dar a sua volta inteira...E beijar-te, ah sim, para deixar de haver entre nós esta fronteira que sempre nos separa. Queria saber a que sabe o teu cuspo, isso queria...Tão pouco me bastava para me sentir em ti, e a ti dentro de mim...Os homens não sabem amar assim! O amor do homem não tem raiz: é fogo, devora e destrói. Arder o amor em viva combustão é consumá-lo, consumi-lo. O desejo do homem é guerreiro: quer ferir, enterrar seu dardo, acordar um grito. O amor, esse, é sempre fêmeo: acalenta. Quer arrancar um sorriso. Os corpos fazem sexo, as almas enamoram-se: o desejo que as atrai é a de dois braços de água que se dão, gozando a sua maré cheia mas também o repouso do seu refluxo. Os corpos explodem os seus orgasmos, as almas não: confundem os seus sopros num só sopro, ouvem, juntas, o silêncio, o latejar de seus abismos. Para vocês o amor é um tão pequeno sítio! Uma mulher ama devagar, com o corpo todo! Vocês são antropófagos! Neste momento tenho raiva de ti! De te amar, eu sei...Mas apaixonada não estou, ouviste? não estou apaixonada por ti! Que um raio me caia em cima se estiver! *Ergue os braços ao céu, desafiando o seu fogo. Espera um momento: Vês? Não caiu! Não estou.*



## 2

*Ela torna a percorrer, saltitando, todos os quadrados do avião, instalando-se num deles.  
Canta, ou diz como se cantasse:*

Carrego-te nos gestos nos lábios prenhes ainda do nosso último beijo  
Pelos poros te liberto  
exalo o teu calor o teu cheiro  
e deles me alimento  
em fechado ciclo vegetal ah sim! circulas em mim como uma seiva  
bruta  
em seiva elaborada te transformo  
respiro-te mansamente  
engulo-te alagas-me  
viajas até ao mais ínfimo ao mais íntimo canal  
do meu corpo  
desaguas num mar de água ou seiva já nem sei  
só sei que em mim existes  
me dás desenho ao corpo  
vicejas em minhas nervuras  
caminhos digitais para o cego impulso  
de te procurar  
amor deste arrepio no corpo sem tino nem motivo  
amor deste fogo a romper a crepitar sem vento  
desta alegria de água  
desta aguda pureza de ar alpino  
desta sede de neve e chama ao mesmo  
tempo  
amor de segurar nos dentes  
coração arrancado a que bicho selvagem?  
amor de equilibrar na ponta dos dedos e da língua  
amor de esconder no seio